

**LÉA VELHO**fala para os Cadernos de Gênero e Tecnologia<sup>5</sup>

Léa Maria Leme Strini Velho é professora titular em Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia junto ao Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT), que integra o Instituto de Geociências (IGE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Léa esteve em Curitiba para proferir a palestra inaugural do 2.º Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), ocorrido de 05 a 08 de novembro de 2007, em Curitiba-PR. O tema desenvolvido na palestra foi: *Ciência, Tecnologia e*

*Sociedade e os Paradigmas da Política Científica e Tecnológica.*

Nessa ocasião, tivemos o ensejo de entrevistá-la para os *CGT*, atividade a que ela se dispôs de bom grado, com muita simpatia e bom humor. Dados surpreendentes, ousados, corajosos, surgem nas palavras desta pesquisadora de renome nacional e internacional, ligada à cúpula dos organismos que dirigem o cenário científico-acadêmico brasileiro, ao contar fatos sobre sua vida pessoal e profissional.

Léa é formada em Engenharia Agrônoma e mestrado em Agronomia/Produção Vegetal, ambos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atuou na UNESP de Jaboticabal na década de 1970, como professora universitária. Desenvolveu atividades como analista de desenvolvimento científico, avaliando projetos no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a partir de 1978. Doutorou-se em 1985, na Unidade de Pesquisa de Políticas Científicas (“Science Policy Research Unit” – SPRU) da Universidade de Sussex, Reino Unido, a primeira academia a oferecer curso na área de política científica e tecnológica. Em 1988, realizou um estágio de Pós-doutorado no departamento de Sociologia da Universidade de Ohio, em Columbus, Estados Unidos. Em seguida, trabalhou um ano como “Visiting Scholar”, na “Science Studies Unit” da Universidade de Edinburgh, Escócia. Em 1991, deixa o CNPq para lecionar na Unicamp. De 2001 a 2005 atuou no “Institute for New Technologies” da Universidade das Nações Unidas, em Maastricht, Holanda, como pesquisadora sênior e diretora da pós-

<sup>1</sup> Preâmbulo e composição da entrevista elaborados por Cristina Tavares da Costa Rocha em março de 2008. Foto de mesma autoria.

graduação. É membro do comitê editorial de diversos periódicos nacionais e internacionais, a exemplo de: “História, Ciências, Saúde”, Manguinhos; “Science and Public Policy”; e “Science, Technology and Society”.

Léa tem livros publicados, dentre eles, um com Wendy Faulkner et. al., intitulado “Knowledge Frontiers: Public Sector Research and Industrial Innovation in Biotechnology, Engineering Ceramics and Parallel Computing”. Oxford: Oxford University Press, 1995. (ISBN 0-19-828833-6). O livro foi escrito no período que Léa considera o “mais produtivo de sua vida como pesquisadora” quando teve “a oportunidade de ler, estudar e analisar a literatura mais atual sobre sociologia da ciência e do conhecimento científico e relacioná-la aos métodos de avaliação e à construção de indicadores científicos”, quando então publicou “uma série de artigos sobre estas questões”, a partir dos quais foi construindo certa reputação científica na área.

Quanto à sua vida pessoal, Léa é casada com Paulo Velho, também pesquisador, mãe de dois filhos e uma filha temporã. Sua trajetória pessoal emerge mesclada com a profissional. Trata-se de pesquisadora comprometida com as políticas da Ciência e da Tecnologia no Brasil. Seus temas principais de pesquisa são: dinâmica da produção e do uso do conhecimento científico e tecnológico; cooperação internacional em C&T; avaliação de políticas e atividades de C&T; formação de recursos humanos para pesquisas; indicadores de C&T.

Enfim, o/a leitor/a encontrará interessantes narrativas de Léa sobre sua infância, sobre sua juventude, trajetória acadêmica e profissional. E perceberá o quanto sua vida acadêmico-científica esteve mesclada com sua vida pessoal e o peso desta última em decisões tomadas por ela em momentos estratégicos de seu caminhar profissional. Como Léa mesma informa em seu documento intitulado “Narrativas/Memorial”:

marchas e contra-marchas, fatos previsíveis e imprevisíveis, oportunidades que souberam ser aproveitadas, outras, nem tanto. O que talvez diferencie minha trajetória daquela traçada por muitas outras pessoas é o fato de que eu sempre pude contar com um enorme apoio emocional e estímulo para avançar das pessoas que viveram e vivem comigo. Especificamente, meus pais, Eclia e Dr.Strini, e mais tarde (mas ainda bem cedo na vida) Paulo Velho (e claro, Homero, Tiago e Raquel, cada um a seu tempo e agora todos juntos), me botam pra cima e pra frente quando eu fraquejo e injetam luz quando eu só vejo trevas. Com toda esta força, meu caminho foi bem pouco pedregoso -só precisei estudar e trabalhar.

Como informa Léa em seu “Memorial”, datado de 2005: ela considera fundamental relatar fatos de sua vida pessoal, para que leitores/as entendam suas decisões profissionais, as quais ela foi tomando entre as alternativas que sua “vida pessoal tornava possíveis”.

Aí está a mulher, a esposa, a mãe, a filha, a professora, a pesquisadora, a cientista, a acadêmica, a profissional **LÉA VELHO**.

Boa leitura.

**CGT:** Conte-nos sua trajetória de vida.

**Lea:** Não sei se querem que eu comece com Noé, ou seja, quando nasci em Sertãozinho, em 1952. Bom, muito rapidamente, sou a quarta filha (e a mais nova) de um casal. Segundo meus irmãos sempre fui muito mimada. Meu pai

foi o primeiro advogado da cidade, descendente de italianos. Venho de uma cidadezinha do interior de São Paulo, onde 88% da população são italianos. A família do meu pai é muito grande; são nove filhos e ele foi o único que estudou, cursando Direito no Largo São Francisco<sup>2</sup>. Minha mãe é de uma família tradicional de Campinas-SP, que por acaso ingressou no Magistério, em Sertãozinho-SP, cidade famosa por causa da produção de etanol, de álcool. Minha mãe é professora; sempre leu muito e sempre me incentivou muito a estudar.

Eu gostava muito de estudar e queria seguir uma carreira. Minha mãe sempre deixou muito claro para nós que para qualquer relação de casamento dar certo, a mulher tinha que trabalhar, porque é assim que ela ganha sua autonomia. Isso foi algo que me foi ensinado desde pequena. A gente tinha que ter vida própria. Tinha que trabalhar. Tinha que fazer uma carreira. Estudei até o final do ginásio em um colégio de elite Colégio Vita et Pax, em Ribeirão Preto-SP; era de freiras oblatas, que eram supermodernas, que não usavam o hábito já naquela época. Eram holandesas e belgas e quando a gente viajava com elas, elas colocavam maiô e fumavam junto conosco. Vale lembrar que naquela época, de 1963 a 1966, quando fiz o ginásio no "Vita et Pax", não se sabia ainda dos problemas de saúde associados com o cigarro.

Quando estava terminando o ginásio (naquele tempo chamava ginásio), eu não sabia muito bem o que estudar em seguida. Eu tinha que escolher se ia fazer Científico, Clássico ou Normal (isso não é do tempo de Vcs, mas...). Eu sabia que não ia escolher o Normal porque minha mãe sempre dizia que ser professora era muito pouco; naquela época bastava fazer Normal para ser professora. Então, tinha que fazer faculdade. Acabei cursando o Científico porque achei que em algum momento eu ia fazer Medicina. Cursei o Científico no colégio do Estado, que tinha em Ribeirão Preto. Era daqueles colégios bons, que a gente tinha que fazer vestibular para entrar, porque queria me preparar para prestar Medicina. Mas eu sempre quis muito estudar fora. Estudava inglês desde pequena, porque minha mãe é protestante e lá em Sertãozinho o único casal protestante que tinha era um pastor menonita<sup>3</sup> americano que dava aula de inglês para a gente. Eu adorava aprender inglês. Era fanática pelos "Beatles"<sup>4</sup> e queria entender as letras. Então fui estudar na Cultura Brasil-Estados Unidos em Ribeirão Preto. Um dia, vi um cartaz de bolsa de estudos para os Estados

---

<sup>2</sup> Em São Paulo, faculdade que integra a Universidade de São Paulo (USP).

<sup>3</sup> Os Menonitas (ou Mennonitas) são um ramo dos Anabatistas, movimento religioso surgido na Europa na época da Reforma. O principal ponto de discórdia entre os menonitas e seus perseguidores era o batismo infantil. Os menonitas acreditam que a igreja deve ser formada a partir de membros batizados voluntariamente. Isso não era tolerado pelo Estado, nem pela igreja católica nem pela igreja protestante oficial da época. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Menonitas>> Acesso: 27 fev 2008.

<sup>4</sup> The Beatles foi uma banda de rock formada em Liverpool, Inglaterra, no final da década de 1950, por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr. O grupo obteve uma fama, popularidade e notoriedade até hoje inédita para uma banda musical, e se tornaram a banda de maior sucesso e de maior influência do século XX. Os "garotos de Liverpool", como eram chamados, não tiveram apenas impacto sobre a canção, mas também influenciaram as vestimentas, os cortes de cabelo e a forma de ser dos jovens daquela geração. Foi esse estrondoso sucesso que inspirou a criação do termo beatlemania. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Beatles](http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Beatles)>. Acesso: 05 mar 2008.

Unidos direcionada aos alunos do 3.º ano do Científico. Prestei o concurso e depois de um ano ganhei essa bolsa chamada AFS (*American Field Service Scholarship*); então, fui para os Estados Unidos em julho de 1969, quando havia terminado o primeiro semestre do 3.º ano do Científico.

## **EUA NA JUVENTUDE: AMPLIANDO HORIZONTES**

Tudo começou a ficar difícil; para quem nunca tinha saído e ido mais longe do que o Rio de Janeiro! Até São Paulo eu mal conhecia! Foi a primeira vez que andei de avião na vida. Quando cheguei nos Estados Unidos e fui para uma *High School* americana foi que realmente percebi que existiam vários caminhos para a gente seguir profissionalmente. Que não era só Direito, Engenharia, Medicina e Odontologia. Podia fazer um monte de coisas. Fiz várias disciplinas nessa *High School* e fiquei totalmente apaixonada por Humanidades. Descobri o que era estudar Sociologia, Antropologia, discutia Artes, escutava música e fazia crítica de música. Descobri o mundo de literatura inglesa e o achei  **muito atraente**<sup>5</sup>.

Quando voltei dos Estados Unidos e tive que fazer vestibular, eu já tinha desistido de fazer Medicina e queria Ciências Sociais. Na época, tínhamos duas boas opções em São Paulo para fazer Ciências Sociais: uma era na USP em São Paulo e a outra era o que hoje é UNESP, mas naquela época na década de 70, era um instituto isolado do Estado de São Paulo, que era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara. Meu pai tinha restrições para eu ir para São Paulo. Então, prestei vestibular para Ciências Sociais em Araraquara-SP e passei. Mas acontece que antes de eu ir para os Estados Unidos, eu já namorava meu atual marido<sup>6</sup>, que era meu colega no Científico. Ele, no período que eu estava fora, tinha prestado vestibular (e passou) para Agronomia em Jaboticabal, que naquela época não fazia parte da UNESP e hoje faz. Então, em 1971 ele cursava Agronomia e eu, Ciências Sociais.

## **AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A GRAVIDEZ DO PRIMEIRO FILHO**

No final desse ano engravidei e as coisas estavam complicadas porque estávamos em cidades diferentes. Eu tinha 19 anos. O nenê, Homero, ia nascer em julho. Resolvi, então, que ficaríamos juntos morando em Jaboticabal, porque ele tinha período integral na Agronomia e eu, nas Ciências Sociais, tinha um período só; portanto, eu podia viajar. Fiquei viajando até julho, quando o nenê nasceu. Foi quando me dei conta que não podia mais viajar, deixando o nenê para trás. Então “tranquei” a faculdade por seis meses.

Entre numa profunda depressão, chorava que nem louca, porque eu

---

<sup>5</sup> Todas as palavras negritadas significam ênfase da entrevistada.

<sup>6</sup> Trata-se de Paulo Eduardo Velho, com quem Léa tem trabalhos publicados.

queria estudar. Não sabia o que fazer, porque eu adorava o curso de Ciências Sociais e tinha para mim que eu tinha que estudar. Eu não podia viver sem estudar. E eu não tinha condição de viajar para Araraquara mais. Então, meu marido que sempre foi super companheiro e super compreensivo, conversou comigo e falou: “Por que você não presta vestibular para Agronomia no final do ano? Você fez Científico e tem uma boa formação em Biologia; sempre foi boa aluna. Agronomia tem um campo de trabalho muito grande. Depois, você vai para Sociologia Rural, Economia Rural, Extensão Rural, ou o que você mais gostar”. E fui motivada para voltar a estudar. Resolvi prestar vestibular no final de 1972 para Agronomia. Assim, larguei as Ciências Sociais na metade do 2.º ano e em 1973 iniciei Agronomia, porque passei super bem no vestibular.

## **A AGRONOMIA, A GRAVIDEZ DO SEGUNDO FILHO E A GÊNESE DA PREOCUPAÇÃO COM GÊNERO**

Foi muito louco, porque me apaixonei pela Agronomia, mas não pela parte de Ciências Sociais. Eu gostei do laboratório. Eu amava o laboratório de fitopatologia. Eu ficava horas no laboratório; trabalhava que nem uma louca e fui pegando o gosto pela Agronomia. Acabei tendo bolsa de Iniciação Científica; trabalhei bastante nessa área. Meu marido se formou. Fiquei grávida do 2.º filho, Tiago, no meio do curso. É quando começa meu primeiro episódio com gênero, nascendo, assim, minha preocupação com esse campo de estudos. Eu, grávida, era um caso único. Era o primeiro caso de aluna grávida no curso de Agronomia de Jaboticabal; nessa época tinha muito pouca mulher em Agronomia. Nós éramos só cinco na Universidade. Quando apareceu uma grávida, eu, foi uma loucura. Nenhum professor sabia como lidar com isso. Em Jaboticabal as aulas começavam no início de fevereiro. Não era em março. E meu segundo filho ia nascer em meados de março. Fui ver se eu tinha algum direito de licença, talvez uma semana. Na Secretaria eles disseram que não, que não havia nada previsto no estatuto e que eu devia falar com cada professor para ver que tipo de arranjo era possível fazer. Eu era **muito** boa aluna. Eu era, de longe, a melhor aluna, tanto que me formei em primeiro lugar da turma. Então, achei que todos os professores iam me apoiar. Mas não, foi uma loucura! Teve professor que disse para mim: “Você tem direito a 25% de faltas. Então, você falta esses 25%. O que passar disso, você está reprovada por faltas”. Eu retrucava: “Olha, não estou indo ali brincar. Você sabe que dou conta [das atividades]”. Nesse momento começa um pouco meu interesse em gênero porque me lembro de não ter tido apoio algum dos professores. E nem por parte da universidade. Não tinha legislação absolutamente nenhuma sobre isso, como se mulher fosse uma coisa estranha. Não estava previsto ter uma mulher em uma faculdade de Agronomia e muito menos que essa mulher fosse engravidar e criar esse tipo de situação para eles.

Então, não teve jeito. O nenê vem quando vem mesmo; não dá para falar para ele: “espera aí; agüenta mais um pouco!”. Fui para Ribeirão Preto ter esse nenê, que nasceu bem, de parto normal, em março de 1975. Minha mãe me disse: “Você não vai abandonar a faculdade, nem por um semestre”. Eu

retriquei: “Como é que faço com o nenê?” Ela falou: “Deixa ele comigo; Você tem um compromisso comigo - você sabe desde pequenininha, e depois, quando casou - as regras do jogo estavam claras. Nós sempre a apoiamos, mas você me deve seu diploma”. Faltei na faculdade uma semana; a segunda foi semana santa, no final de março. Fiquei duas semanas, portanto, com o nenê. Em seguida, deixei-o com minha mãe e voltei para a escola. Nunca amamenteei. Não tinha como.

Meu primeiro filho estava comigo porque nessas alturas ele já tinha quase três anos e já tínhamos esquema de escolinha que ele ia. Mas, como eu ia fazer com o nenê? Por mais que eu tivesse uma pessoa para me ajudar, não podia largar uma criança e mais um nenê de duas semanas. Então, minha mãe ficou com meu segundo filho e todo fim de semana eu viajava para ficar com ele. Domingo de noite ou segunda de madrugada eu me despedia dele e voltava. Foi assim que ele ficou seis meses com minha mãe até eu sentir que podia deixá-lo com uma babá.

CGT: E o marido?

Lea: Meu marido se formou em Agronomia e foi logo trabalhar em uma usina de cana-de-açúcar. Minha mãe morava em Ribeirão Preto. A gente morava em Jaboticabal e ele trabalhava em uma usina no município de Sertãozinho. Ele saía de casa muito cedo para ir para a usina, cerca de 4h30 ou 5h da manhã e voltava de noitão. Nesse meu texto da *Pagu* tem uma hora que falo que quando os dois são pesquisadores (marido e mulher), e a mulher diz para mim na entrevista: “meu marido é ótimo. Ele me ajuda”, é como se ajudar fosse fazer uma concessão. Não é uma obrigação dele. Mas não posso dizer isso de meu marido. Aliás, na minha casa eles brincam comigo, dizendo que quem ajuda meu marido sou eu. Nunca acordei de noite com filhos. Não consigo acordar de noite. Até acordo, mas daí não durmo mais. Para meu marido sempre foi normal. Ele acorda e depois deita e dorme de novo com a maior facilidade. O Paulo é daqueles que dormem no meio de uma frase, quando estou conversando com ele e ele pára de falar porque já dormiu. Eu não. Fico sempre preocupada e se acordo com criança, depois não consigo dormir. Então, ele sempre me deu muita força. Mas nessa circunstância dele trabalhando na usina mais de 12h por dia e eu com nenê e já com uma criança de três anos, esse nenê acabou mesmo ficando com minha mãe por seis meses. Assim fomos “tocando” a vida até eu me formar em Jaboticabal em julho de 1976. Quando ele tinha seis meses, veio morar conosco. Já tínhamos empregada. Então, ele nasceu três semestres antes de eu me formar. Portanto, quando me formei com 24 anos eu já tinha duas crianças.

## MAIS UM EPISÓDIO DE GÊNERO NA AGRONOMIA

Nesse momento, aconteceu comigo o segundo episódio de gênero, que me impactou muito. Comecei a perceber que nós, mulheres, não éramos a mesma coisa que os homens, os quais não nos viam da mesma maneira. Tinha tido um evento já na Graduação. Teve este da licença para eu ter nenê, que eles não me apoiaram. Mas teve um que foi com uma disciplina na Graduação

que se chamava: “Acarologia e Nematologia” - estudo de ácaros e nematóides. Eu era muito boa nessa coisa de identificar artrópodos. Eu gostava muito de doenças e pragas. Eu gostava e me dedicava. Como ser uma boa aluna com dois filhos? Talvez exatamente por isso, porque como não podia sair de casa, ficava estudando. Ou seja, todos iam jogar truco no boteco e eu ficava em casa estudando. E um professor disse que quem tirasse a melhor nota nessa disciplina teria uma bolsa em uma dessas empresas de produto químico de controle de ácaro. Eu tinha absoluta certeza de que tinha tirado a melhor nota, quando terminou o semestre. Eu tinha ido muito bem na prova. Voltei depois do Natal. O professor divulgou o resultado. Olhei a lista e tinha um nome de homem antes do meu. Eu tinha certeza de que aquele estudante não podia ter tirado a melhor nota. Mas o professor não queria que uma mulher trabalhasse com ele. Essa é a minha dedução. Não tenho evidência para dar para vocês. Mas todo mundo sabia na época. Todo mundo olhava e falava fulano de tal não foi quem teve a melhor nota. Todo mundo falava para mim que o resultado tinha sido fraudado.

## **O MESTRADO E OUTRAS SITUAÇÕES DE GÊNERO**

Nesse período, a faculdade de Agronomia em Jaboticabal criou o primeiro curso de Mestrado em Produção Vegetal, que hoje seria algo como uma Biologia Molecular, Ciência da Produção de Plantas, para começar a funcionar em agosto de 1976. A pós-graduação nesse período era algo muito novo e estava se institucionalizando no Brasil. Eu não sabia muito bem o que fazer com Agronomia nessas alturas. Como eu gostava muito de laboratório e tinha feito Iniciação Científica, os professores me incentivaram a continuar os estudos e a prestar seleção para o Mestrado. Na verdade, eu nem sabia muito bem o que era isso. Os nossos professores, por exemplo, em Jaboticabal, tinham feito o Doutorado direto. Prestei a seleção; fiz a prova e passei. Portanto, fui da primeira turma do Mestrado em Produção Vegetal da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal que, nessa época, já tinha se tornado UNESP.

Meu marido estava bem na usina; nessa altura ele já ganhava razoavelmente bem, porque até ele se formar, meu pai nos ajudou muito sempre, porque me dava uma mesada; e meu marido tinha uma pensão do pai dele que tinha morrido. Ele era agrônomo da Casa da Lavoura, que é o sistema de extensão rural do Estado de São Paulo, que mudou de nome. Estávamos vivendo assim até ele se formar. Mas aí, ele já estava na usina há dois anos, quando me formei e ele me disse: “Continua estudando. Você gosta tanto de estudar. Faz o Mestrado”. Iniciei o Mestrado e fui ficando em Jaboticabal.

Quando entrei no Mestrado, tinha o lance da bolsa de estudos. Não tinha ainda critérios de alocação de bolsa porque estava sendo criado todo um sistema de avaliação de curso. Nós estamos falando de 1976. A Capes estava apoiando muito que os cursos abrissem os seus Mestrados e estava dando um número “x” de bolsas para os novos cursos que começavam já com bom potencial e com bons professores. Nós éramos quinze e havia cinco bolsas. Eu

tinha passado em primeiro lugar na seleção. O Coordenador da Pós me chamou e disse: “Temos só cinco bolsas e você seria naturalmente a pessoa para receber uma das bolsas, mas como você é casada e seu marido a sustenta, você não precisa da bolsa. Vou dar a bolsa para quem precisa”. Eu, idiota, fiquei quieta. Achei que aquilo era uma profunda injustiça. Mas, eu tinha 24 anos e queria fazer o Mestrado. Eu achava que no fundo ele tinha até razão, porque na verdade o Paulo me sustentava e eu não precisava desse dinheiro para viver e o outro estudante precisava desse dinheiro para viver. Ou seja, a alocação não foi feita por mérito, mas foi feita por uma condição de gênero. Ninguém perguntou se os outros eram casados; se a mulher era professora ou se não era. Nem sei. Provavelmente alguns até eram. Havia mulheres que davam aula. Pais que os sustentavam. Mas eu, por causa da minha condição de gênero, era a única mulher no Mestrado. Era assim: “Você não precisa porque seu marido a sustenta. Você é casada e seu marido trabalha”. Obviamente nessa época eu tinha a intuição de que algo não estava certo, mas não sabia racionalmente o que. Após um tempo, começa-se a entender o que está acontecendo.

## **SITUAÇÕES NO AMBIENTE PARTICULAR E PÚBLICO MAIS UMA VEZ SE MESCLAM**

Naquela época, as faculdades contratavam até para Auxiliar de Ensino. Nesse meio tempo, abriu uma vaga na UNESP, porque um professor da faculdade na área de Floricultura, Parques e Jardins, que era da Paraíba, voltou para lá porque abriu uma vaga para professor exatamente nessa área. Resolvi prestar o concurso e passei. Portanto, terminei o Mestrado em Produção Vegetal, em final de 1977, como professora contratada da UNESP.

No começo de 1978 tivemos um problema muito sério: meu filho mais velho, então com 5 anos, foi diagnosticado com uma cardiopatia congênita e o médico recomendou que o levássemos para São Paulo para fazer cateterismo e investigar a necessidade de cirurgia. Nós o levamos. Ele ficou internado e a decisão é que ele realmente ia ter que fazer a cirurgia cardíaca para corrigir uma comunicação inter-atrial. Era uma cirurgia muito complicada naquela época. Talvez ele tivesse que ficar uns dois ou três meses no hospital. Fiquei enlouquecida, com 26 anos de idade. Não tinha nem muita noção do que estava acontecendo e da gravidade do caso. Acho que foi a primeira decisão que tive na minha vida que foi em função realmente dos meus filhos e não da minha profissão. Eu falei: “Se meu filho vai passar por isso eu vou pedir demissão da faculdade e vou ficar com ele.” E pedi demissão. Pedi para sair da UNESP. Diziam: “Você é louca. Você prestou concurso público. Pedir para sair! Você que é concursada está pedindo demissão?” Eu respondia: “Sim. Peço demissão por duas razões: primeiro, porque quero ficar com meu filho. E mesmo que eu possa pedir uma licença, isso eu não quero. Quero, sim, ficar com ele sem pensar que estou de licença. E a outra coisa que não quero é a seguinte: Sou tratada no meu departamento como se eu fosse eternamente aluna, porque sou colega dos meus ex-professores. Vou numa reunião de departamento e se falo uma coisa, eles olham para mim como se eu não tivesse nem o direito de falar. Como

todos eles foram meus professores, como todos eles são homens, eles olham para mim e nunca vão me respeitar. Eu vou ser eternamente a pessoa desse departamento que é o pária. E eu não vou me conformar. Então, o jeito é: eu tenho uma boa desculpa pessoal para jogar isso para o alto. Não quero continuar colega dos meus ex-professores”. Pedi demissão.

Nesse meio tempo meu marido também estava muito cansado de trabalhar na usina e, por acaso, teve uma proposta de trabalho no Planalsucar, órgão público federal. Era um Instituto de Pesquisa sobre cana-de-açúcar. Era um programa de melhoramento da variedade de cana, que era vinculado ao Instituto do Açúcar e do Alcool no Brasil. Nós estamos falando de uma época em que o Pró-Alcool começa a ganhar muita força. Ele foi convidado pelo Planalsucar para montar uma estação experimental perto de Brasília, que era uma idéia que a cana tinha que ser plantada no cerrado, para desenvolver variedades de cana-de-açúcar adaptadas a esse ecossistema. Como ele tinha muita experiência por ter trabalhado em usinas muitos anos, ele aceitou e foi para Brasília. Então, deu certo porque eu já havia me demitido mesmo. Mas precisava fazer a cirurgia do meu filho antes de irmos para Brasília. A cirurgia foi feita em junho de 1978; meu filho Homero ficou dois meses no hospital.

## DA UNESP RUMO A UNB E AO CNPQ

Em agosto de 1978, mudamos para Brasília. O Paulo foi montar a estação experimental de cana no cerrado. Cheguei em Brasília com as duas crianças e tentei recomeçar a vida. Um lugar meio natural de ir foi na Universidade de Brasília que era o que eu sabia fazer, fui ao departamento de Engenharia Agrônômica. Eles estavam fazendo um processo seletivo para contratação de uma pessoa que trabalhasse na área de Produção e Tecnologia de Sementes. Não era a área que eu mais gostava, mas era o que tinha. Prestei esse concurso, passei e fui contratada em janeiro de 1979 pela UnB. O período nessa época era o da ditadura militar. Portanto, era uma universidade muito difícil de trabalhar. O reitor era o Azevedo, que era capitão de mar e guerra. Tinha permitido que a Universidade fosse invadida. As chefias de departamento eram chefias nomeadas pelo reitor. Era **extremamente** autoritária, **extremamente** difícil; o chefe de departamento de Engenharia Agrônômica passava em todas as salas de manhã para ver quem havia ou não chegado. Chegava e chamava a gente naquele minhocão. Não sei se vocês conhecem a UnB, que tem aquele prédio comprido, que chamam de minhocão. Tem um terracinho lá em cima e a o diretor chamava a gente e apontava: “Vem aqui ver. Está vendo aquele bando ali? Todos de sandália de tiras e de barbinha? É tudo comunista. Não chega perto”. Aquilo era **muito louco**. E eu, que sempre fui uma pessoa de esquerda, que sempre apoiiei e militei (n)os movimentos políticos, pensei: “Nossa, não vou dar conta de trabalhar nesse lugar!” Eu e meu marido trabalhávamos no Centro Acadêmico de Jaboticabal. Militava com cuidado porque a gente tinha dois filhos. A gente fazia coisas muito loucas, a exemplo de esconder material em casa. São coisas que hoje quando eu penso, não gosto nem de me lembrar o nível de responsabilidade, para quem tinha dois

filhos e fazia o que a gente fazia. Militava meio no “underground”, porque publicamente nunca fomos vinculados a movimentos desse tipo, mas a gente apoiava.

Em Brasília, a UnB era o emprego que eu tinha e fui ficando, até que chegou no final desse ano, acho que em outubro de 1979, o CNPq, no meio do governo militar, foi todo transferido para Brasília, porque essa foi uma das coisas que o governo militar disse que ia fazer e fez mesmo: que era transferir tudo que era do governo federal, que estava no Rio [de Janeiro] ainda, para Brasília. Em 1979 o CNPq fez um balanço do que eles tinham, porque muita gente se aposentou e outros preferiram sair do órgão a se mudarem do Rio para Brasília. Eles fizeram um balanço do que precisavam e abriram certos processos seletivos para contratar pessoas que tivessem pelo menos o Mestrado e que fossem o que eles chamavam, naquela época, Analista de Desenvolvimento Científico. Eles queriam uma pessoa para a área de Agronomia. Compareci, levando meu currículo, me apresentei para o Chefe e ele disse para marcar uma entrevista. Eles me contrataram para ser Analista de Desenvolvimento Científico na área de Ciências Agrárias. Eu cobria três áreas: Agricultura, Alimentos e Floresta. Portanto, a minha entrada na política científica foi uma entrada pela prática da política científica..

Assim, acabei indo para o CNPq por razões variadas. Primeiro, porque o ambiente da UnB quase me expulsou, porque era absolutamente incompatível com o que eu achava que deveria ser universidade neste país. O departamento de Agronomia era um departamento muito masculino e hierarquizado. Aquilo não tinha absolutamente nada a ver comigo. Então, tive essa chance de ir para o CNPq, que nessa época era uma instituição absolutamente charmosa, ficava num prédio maravilhoso, com banheiros lindos. Vocês não conheceram o CNPq de 1978, 1979. Era lindo. O prédio era lindo. Eu me lembro que cheguei no CNPq para fazer entrevista. A primeira vez que entrei lá era um dia de chuva. Parei o carro e entrei toda molhada. Fui ao banheiro para ver se secava um pouco o cabelo. Quando entrei no banheiro, vi aquele banheiro **lindo**, todo de **mármore**, espelhado. E falei: “É aqui que vou trabalhar!” Fui parar num lugar lindo, charmoso. Não era aquele coisa daqueles banheiros nojentos da UnB que a gente tinha que levar papel higiênico na bolsa, porque não tinha. Eu pensei: “É aqui mesmo. Vou fazer de tudo para vir para cá!”

## A PAIXÃO PELO CNPQ E A NECESSIDADE DO DOUTORADO

Bom, deu certo. Fui trabalhar no CNPq e foi **bom demais!** Eu **amava**. Sabe aquela coisa que Você não gosta muito do seu trabalho e domingo de noite, quando Você escuta a musiquinha do Fantástico e começa dar depressão de pensar na segunda-feira? Vocês já sentiram isso? Quando eu estava no CNPq e escutava a musiquinha do Fantástico, eu dizia: “Oba! Amanhã tenho que trabalhar!” Eu amava. Eu amava meus colegas. Eu amava o ambiente. Eu achava tudo “o máximo!” Adorava. Eu trabalhava como Técnica. Havia um grupo; Quem fazia naquela época tudo que se faz no CNPq hoje, que é o que a gente chama de pré-análise dos processos, era um grupo de pessoas muito

pequeno. Estou falando de 1979. Não estou falando de hoje. Outubro ou novembro de 1979 é que fui para o CNPq.

Havia uma seção que chamava Superintendência do Desenvolvimento Científico. Era a que fazia toda análise de bolsa, de projetos de pesquisa, nessa época a bolsa de Mestrado era análise individual; bolsa de Doutorado era análise individual; bolsa de Iniciação Científica era análise individual. Nada disso era concessão institucional. E tinha a Superintendência, tinham as Coordenações por área de conhecimento e dentro das Coordenações tinham os Analistas de Programas Específicos. Então, tinha uma Coordenação de Ciências Agrárias, onde ficavam Veterinária, Agronomia, Ecologia, essas coisas ligadas mais ou menos às Ciências Agrárias e tinha o Coordenador, que era uma pessoa **maravilhosa**, que foi o Mário Mendonça que já faleceu e que me ensinou todo o ofício: como iniciar um processo; como analisar; me ensinou o que era uma publicação; o que era “Science Citation Index”. Fui trabalhando junto com ele e com meus colegas. Tive grandes colegas nesse período. Temos publicado na área, a exemplo de Celina Roitman<sup>7</sup>. Enfim, eu era a pessoa mais Junior que tinha ali. Todos os meus colegas que faziam análise de processos eram doutores. Eu era a única Mestre. Tinha uma equipe de peso que fazia esse trabalho. Os comitês assessores nessa época se reuniam todos os meses. Tudo era comitê assessor. “Ad-hoc” não existia. Então, eu tinha uma relação muito próxima com os comitês. Eu conversava com os comitês. Eu participava do processo decisório. E a gente tinha também grupos de estudo. Como todos vieram da academia a gente estudava, por exemplo, alocação de recurso; líamos “papers”; todas as semanas havia grupos de discussão sobre “papers”, processos. Era **muito legal**. Eu amava meu trabalho.

Eu amava tanto que tinha uma certa cobrança que eu fosse doutora, porque todo mundo era. Então, eu também precisava ser e eles criaram todas as condições e deram a maior força para que eu pudesse me qualificar. Comecei a pensar por que iria fazer doutorado em Agronomia? O conhecimento de Agronomia que tenho me permite fazer essa análise de processo onde estou, no CNPq, porque se tenho qualquer dúvida, recorro à comunidade. O que preciso entender melhor é o que é essa tal de política científica que estou aprendendo a fazer de fato sem nenhum respaldo. A gente estava discutindo a literatura e eu estava percebendo que precisava saber mais. Não havia Internet, portanto fui procurar e me aconselhar onde teria um curso que treine as pessoas em políticas científicas e tecnológicas. Aí que descobri que existia. Na Universidade de Sussex, na Inglaterra, o *Science Policy Research Uni (SPRU)*. Na verdade, foi o primeiro curso formal de doutorado de Estudos Sociais na Ciência e na Tecnologia, criado na Inglaterra em 1979; ele formava as pessoas exatamente em *Science and Technology Policy*. Informei-me sobre esse curso.

---

<sup>7</sup> Celina Roitman, casada com Isaac Roitman, atuou na Superintendência das Ciências da Vida, no CNPq, que abrigava os processos de bolsa e de pesquisa na área da saúde. Posteriormente, recebeu a incumbência do então presidente da Fiocruz, Dr. Carlos Morel, para chefiar a então Coreb da Fiocruz (atual Direb = Diretoria Regional de Brasília). Atuou, ainda, como assessora da presidência do IBAMA.

Nessa época, tínhamos que conseguir catálogo por correio [convencional]. Inscrevi-me e fui aceita para fazer o doutorado lá. A partir de então, começou minha batalha. Como ainda estávamos na ditadura militar, o CNPq estava vinculado ao Ministério do Planejamento (não era Secretaria nessa época). Para eu poder sair para fazer o doutorado o Ministério tinha que autorizar. Pedi autorização e o CNPq a deu para eu ir fazer o doutorado com salário e também deu a bolsa que o complementava. Nessa época, o nosso dinheiro transformado em “pound” era um horror. Então, sempre as pessoas saíam com o salário e com uma bolsa que complementava. E eu fui embora para Inglaterra, em Brighton. Meu marido também conseguiu uma bolsa de Mestrado, para ser feito na mesma instituição, porque nessa época ele não estava mais no Planalsucar. Ele já tinha ido para a Secretaria de Tecnologia Industrial, que era um órgão que cuidava, dentre outros temas, do pró-álcool. Era onde estava todo o empréstimo do Banco Mundial que cuidava do pró-álcool. E ele aplicou para um Mestrado em Sussex para trabalhar com Política Energética. Então, fomos junto com as crianças, em agosto de 1981.

Na época, o ministro do Planejamento era o Delfim [Neto], que não gostava muito do CNPq; ele achava que o CNPq era um órgão que tinha que ter um interventor lá dentro. Ele nomeou uma pessoa que era um interventor do Ministério do Planejamento dentro do CNPq. Ele delegou para essa pessoa decidir se me liberava ou não e essa pessoa resolveu que não ia me liberar. Mas, eu já tinha viajado de férias, certa de que a liberação ia sair e já estava em Sussex para começar as aulas. E recebo a notícia que o Ministério do Planejamento tinha negado o meu afastamento. A coisa ficou enrolada. Pensei: “E agora, que faço? Estou com meus meninos, que já estão matriculados na escola. Meu marido já tinha alugado casa e carro; a gente já começando o curso e nada da liberação”. Então, pedi ao CNPq para me dar afastamento sem vencimentos, porque eu tinha a bolsa, mesmo que não mais complementar. Daí veio a segunda notícia: que o Ministério do Planejamento deliberou que se Você pede licença sem vencimentos não pode dar nenhuma despesa para o órgão. Portanto, eles cortaram a bolsa também. Pensei: “E agora, como faço? Vim para cá com bolsa e salário e, de repente, não tenho mais nem bolsa e nem salário”. Meu diretor no CNPq, que me apoiava muito, o dr. Duarte, que era um médico, falou para mim: “Vai levando. Você está afastada, o que quer dizer que Você não está ilegal. Do ponto de vista financeiro, vai levando”. Mas, “vai levando” é uma coisa. Só com salário do meu marido, resolvemos mudar para morar no campus da universidade.

Olha, vou falar para vocês. Nós moramos no campus, em um apartamento, durante os quatro anos de doutorado, que tinha 33m<sup>2</sup>. Na verdade, ele tinha um quarto, desse tamanho<sup>8</sup>, com uma escrivaninha grudada na parede. Na verdade, era uma tábua, onde escrevíamos eu e o Paulo; tinha um armário como se fosse esse, de duas portas, para roupas de nós quatro. E,

---

<sup>8</sup> Lea mostra a pequena sala de reuniões na UTFPR, com seus armários, onde estava sendo feita a entrevista.

nesse canto, tinha a mesa de comer, que, de noite, a gente encostava na parede, para abrir o nosso saco de dormir. No outro quarto igual a esse, tinha a cama beliche dos meninos e a televisão. Tinha uma cozinha, menor que aquela mesa. E um banheiro. Era isso. E eu, que vinha de uma casa em Brasília, que só a sala da casa tinha 90m<sup>2</sup>! Por aí se vê que a capacidade de adaptação das pessoas é uma coisa impressionante. Quando existe a motivação. Eu queria **tanto** estar lá estudando; mas eu queria **tanto** fazer esse doutorado! Era tão importante para mim. Meu marido sabia que era tão importante para mim, que ele resolveu fazer o sacrifício e ali a gente foi ficando. Para ele nem era tanto. Ele gostou de fazer o Mestrado. Foi bom. Fez a tese. Mas, ele foi mesmo porque ele sabia que era **muito** importante para mim. Isso é algo que eu acho que devo muito a ele, porque a maior parte das pessoas não teria feito o sacrifício que ele fez, de conforto, de deixar a família, para me acompanhar.

Quando chegou quase um ano depois o Duarte escreveu e disse: “Lea, uma boa notícia: eu consegui trocar Você, que é bolsista do CNPq por uma bolsista da Capes. Ou seja, vamos pegar uma pessoa que ganhou bolsa pela Capes e dar a ela a sua bolsa que você ganhou do CNPq. E você vai pegar a bolsa que ganhou do CNPq e dar para essa pessoa. Nós vamos trocar uma pela outra”. Então, a partir do meu segundo ano de doutorado, comecei a ganhar a bolsa da Capes. O grande problema não era viver com o salário do Paulo. O grande problema era pagar as “fees<sup>9</sup>” da universidade, porque quando soubemos quanto íamos ter para viver, a gente se ajustou nesse apartamento. Depois de um ano, já estávamos acostumados; os meninos eram muito felizes no campus. Se você pergunta para meus filhos hoje: “Como é que foi o tempo de Sussex?”. Eles respondem: “Foi o máximo!” Eles não têm a mínima lembrança das condições que eles moravam. A mínima! O que eles sabem é que tinham um monte de amigos no campo; amigos da Líbia; amigos do Iraque; amigos do escambal. Eles eram muito felizes. É engraçado como as condições não tinham a mínima importância: a gente não comia fora, a gente não ia ao cinema; nada disso tinha importância. Acho que eles viam que aquilo para mim era tão fundamental, que nós éramos tão felizes, que não fazia nenhuma diferença. Eles lembram disso com muito carinho. Na hora que fui fazer matrícula para o segundo ano, eu já tinha uma dívida na universidade de 15 mil “pounds”, porque eu não tinha pago as “fees” do primeiro ano. Eu não tinha bolsa, portanto, não paguei as “fees”. E a universidade não queria fazer a rematrícula. Foi então que escrevi para o Duarte; na verdade, mandei um telegrama (na época não existia fax, etc.) e disse: “Já fiz um ano de doutorado! E agora?” Ele escreveu para mim: “Consegui que a Capes vai pagar as “fees” do primeiro ano para você.” Resolveu por aí. Terminei o doutorado.

---

<sup>9</sup> “Fees” = mensalidades.

## A VOLTA DA INGLATERRA PARA O BRASIL: ENCONTROS E DESENCONTROS NO AMBIENTE PROFISSIONAL/PÚBLICO E FAMILIAR/PRIVADO

Voltei para o Brasil; voltei para o CNPq, **muito** feliz, a fazer meu trabalho e o CNPq, por sorte, tinha criado nesse período que eu estava fora, um Instituto de Pesquisa, como o CBPF<sup>10</sup>, o INPA<sup>11</sup>, o IMPA da Matemática, o Museu Gueldi, o INPI<sup>12</sup>. Os institutos de pesquisa eram ligados ao CNPq naquela época. Hoje, vários são ligados ao MCT<sup>13</sup>. No começo de 1985, quando foi criado o MCT e dado para o Renato Archer, que foi o primeiro ministro de Ciência e Tecnologia, ele resolveu criar em 1986 um Centro de Estudos em Política Científica e Tecnológica, onde fui trabalhar logo depois que voltei de Sussex, em setembro de 1985. Ali fui ficando, trabalhando, produzindo muito. Archer colocou como assessores dele várias pessoas que eram estudiosas da política científica e tecnológica, como o José Cassiolato, o Fabio Erber<sup>14</sup>. Então, várias dessas pessoas foram trabalhar com o Archer, que era uma pessoa progressista. O Archer era amigo do Ulysses Guimarães, político progressista, que acreditava no desenvolvimento científico e tecnológico. Toda essa parte de estudo de indicadores nós produzíamos conjuntamente nesse Centro de Estudos. Nesse período assessoriei o prof. Goldemberg, que era o Reitor da USP<sup>15</sup>. Coordenei para ele o primeiro estudo (piloto) de avaliação da USP, em 1986. Produzimos muito nessa área de indicadores. Era eu e mais um monte de pessoas: a Maria Carlota de Souza Paula, a Maria Aparecida Cagnin, a Lenita Nicoletti, o George Zarur e vários outros. Era um grupo que funcionava muito bem.

Em 1988, meu marido resolveu sair para o doutorado dele e achei que era a minha vez de ir junto com ele. Pedi ao CNPq me deixar sair para um pós-doc e eles me apoiaram. Ambos ficamos estudando na Universidade de Edimburgo.

No início de 1989 eu sentia que estava na hora de mudar de tema de estudo, que já estava me repetindo quando falava dos indicadores. Foi quando tive um convite para trabalhar num projeto de pesquisa sobre relação universidade-setor produtivo<sup>16</sup>, na universidade de Edinburgh, Escócia. A coordenadora do projeto era Wendy Faulkner<sup>17</sup>, que havia sido minha colega de doutorado no SPRU<sup>18</sup>. Vocês devem conhecer textos dela. Em um deles, que

---

<sup>10</sup> CBPF = Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

<sup>11</sup> INPA = Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

<sup>12</sup> INPI = Instituto Nacional de Propriedade Industrial.

<sup>13</sup> MCT = Ministério da Ciência e Tecnologia.

<sup>14</sup> Fabio Stefano Erber é doutor em Economia pela Universidade de Sussex e Professor Titular de Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da UFRJ. Tem atuado em diversos organismos direcionados às políticas da Ciência e Tecnologia no Brasil, a exemplo do CNPq e do BNDES.

<sup>15</sup> USP = Universidade de São Paulo.

<sup>16</sup> Esta foi uma experiência muito proveitosa que resultou em co-autoria de livro, cujo título é: "Knowledge Frontiers: Public Sector Research and Industrial Innovation in Biotechnology, Engineering Ceramics and Parallel Computing", publicado pela Oxford University Press, em 1995 (ISBN 0-19-828833-6) e de capítulo de livro publicado pela State University of New York Press.

<sup>17</sup> Wendy Faulkner é Senior Lecturer na Unidade de Estudos da Ciência (Science Studies Unit) do Departamento de Sociologia (Department of Sociology) da Universidade de Edinburgh, UK. Ele tem formação em Biologia. Atualmente, tem interesse em duas áreas de pesquisa: 1) pesquisa e desenvolvimento industrial e inovação; e 2) gênero, ciência e tecnologia, principalmente em estudos feministas da tecnologia, sendo seu atual projeto sobre gênero na(da) Engenharia.

<sup>18</sup> SPRU = Science Policy Research Unit, da Universidade de Sussex, Inglaterra.

é ótimo, ela fala sobre o prazer que os homens têm com a tecnologia. Principalmente no quesito “brincadeiras”, a questão de gênero é muito legal. Vocês não traduziram textos dela?

CGT: Traduzimos um<sup>19</sup>.

Lea: Wendy fez doutorado comigo e é muito minha amiga. Gosto do texto que ela fala porque os homens vão para a Engenharia e as mulheres não. É porque a Engenharia para os homens é lúdica, porque eles aprenderam a trabalhar com a tecnologia desde cedo; quer dizer: é algo que para eles é brincadeira. Se Vocês leram o texto dela, viram que dá para aplicar vários elementos pontuados por ela na observação de como é que as crianças brincam. Acho **muito legal**<sup>20</sup>.

CGT: As crianças são socializadas diferentemente. Os meninos começam a mexer mais com os carrinhos, montar e desmontar; e as meninas não. Brincam com bonecas, de fogãozinho.

Lea: E a mãe ainda fica brava se ela arranca a cabeça da boneca para ver como é que funciona. As mães dizem: “Não pode; você está judiando do nenê. Não pode”. E a menina está louca para ver por que aquela cabeça vira para frente e para trás. Ela quer tirar, mas logo a gente fala: “Não, não arranca a perna da boneca”. O menino já tira o carrinho e o desmonta para ver como é que aquilo funciona. Como é que a boneca chora? A menina quer abrir para ver o mecanismo e a mãe torna a falar: não judia do nenê!

GCT: Retomando: sua volta ao Brasil?

Lea: Nesse meio tempo, aconteceu que em 1989, o Collor assumiu. Houve uma mudança significativa. O Goldemberg assumiu o MCT, no governo Collor e ele fechou o Centro de Estudos em Política Científica e Tecnológica, alegando que aquilo não era importante, que a função do ministério não era fazer pesquisa, que o estudo de indicadores era uma bobagem. Então, quando voltei, em 1990, não tinha mais esse Centro. E fui levada para o CNPq. Chequei no CNPq e aquela área que eu estava acostumada a trabalhar, que era análise de projetos, tinha inchado de um tanto e as pessoas eram meros burocratas. Não tinha mais uma reflexão. Os técnicos que faziam análises eram puramente gestores administrativos. Não tinha mais espaço para reflexão nessa área. A área que eu trabalhava, que era o Centro de Estudos em Política Científica tinha sido fechada. Quando cheguei, disseram para mim: “Não sei não, mas tem uma vaga no Projeto Antártica, você pode ficar ali”. Fui ver o que era para fazer e vi que era para contar pingüim, ficar lendo os relatórios do Projeto Antártica. Disse: “Nossa, eu tenho doutorado, já tenho uma porção de publicações nessa área de indicadores; tenho pós-doc. Não vou ficar aqui contando pingüim”. Fiquei enlucada sobre o que fazer no CNPq.

---

<sup>19</sup> O texto traduzido para os CGT tem o título: “Tornar-se e pertencer: processos de generificação na engenharia” e foi publicado na edição nr. 10 (abril, maio e junho – 2007), ano: 03. O título original deste artigo é: “Becoming and belonging: gendered processes in engineering”, publicado em 2005 no livro *The Gender Politics of ICT*, organizado por Jacqueline Archibald, Judy Emms, Frances Brundy e Eva Turner. A tradução foi feita por Lindamir Salete Casagrande e Juliana Schwartz e revisado por Sonia Ana Leszczynski.

<sup>20</sup> Esta e as demais palavras negritadas significam ênfase na entonação de voz de Léa Velho.

Fiquei um pouco melhor porque no meu período de Edimburgo, engravidei pela terceira vez depois de dezessete anos. Foi o maior susto da minha vida. Fui procurar minha médica em Edimburgo, achando que estava com menopausa precoce. Entrei na médica e falei: “Estou com 37 anos e não estou muito bem; a minha menstruação não vem e acho que estou entrando na menopausa.” Ela me questionou: “Mas, menopausa, com 37 anos?” Eu retruquei: “Não pode acontecer?” Ela falou: “Pode, mas vou pedir para você fazer um teste de gravidez.” Eu, novamente: “Você é louca! Meu filho tem quase 18 anos. O outro tem quase 16. Como assim, gravidez?” Ela me convenceu: “Vamos fazer?”. Fiz e realmente eu estava grávida. “Filho agora, com 37 anos? Que loucura! Que coisa mais doida que é essa!” Ela disse: “Você quer ter?” Eu respondi: “Não sei se quero. Nunca me passou pela cabeça ter outro filho.” Ela falou que com 37 anos a gente aconselha que a pessoa faça aquele exame para ver se tem problema de Síndrome de Down. Aconselhou-me: “Você faz o exame e depois resolve. Se não quiser ter, a gente a interna e faz um aborto. Não tem nenhum problema. Aqui [o aborto] é legal. A escolha é sua”. Fiz o exame. Bom, e era gravidez mesmo. Quando telefonei para saber o resultado do exame de Síndrome de Down, a médica falou que estava tudo normal. Eu perguntei: “E o sexo?” Ela falou que era uma menina. Então decidi ter. Eu tinha dois homens. Tinha que ter uma mulher. Ela nasceu quando meu mais velho tinha 18 anos.

GCT: Sua filha nasceu lá?

Lea: Não. Voltei quando estava com 7 meses de gravidez, porque eu tinha que reassumir no CNPq, já que tinha ficado fora dois anos. Reassumi em julho. Ela nasceu em setembro. Fiquei nesse período da licença gestante dela, tentando ver o que eu ia fazer da minha vida, porque não dava para continuar no CNPq. Meu marido, nessa época, já tinha tido um enfarte, já tinha colocado ponte de safena, porque estava com problema cardíaco muito sério, tentando terminar o doutorado, mas numa situação muito complicada. E ele, na verdade, podia ir para onde quisesse; não precisava reassumir no trabalho naquele momento, porque estava afastado por razão de saúde.

Foi quando a Hebe Vessuri<sup>21</sup>, que era professora em Campinas, no DPCT, resolveu voltar para Venezuela. Eles ficaram preocupados, porque iriam ficar sem ninguém para cobrir essa área de Estudos Sociais da Ciência. A Hebe perguntou por que não chamam a Lea. O André Furtado<sup>22</sup> me telefonou e perguntou se eu tinha interesse em ir para esse Departamento, em voltar para a academia. Eu estava no meio da licença de gestante. Pensei que isso resolveria meu problema. De fato, nunca tinha pensado em voltar para a academia, isto porque eu amava o CNPq, eu tinha paixão, mas sabe quando você casa com alguém perdidamente apaixonada e a pessoa se transforma, ou

---

<sup>21</sup> Hebe Maria Cristina Vessuri é considerada uma das maiores autoridades latinoamericanas dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia. Exerce atividades no Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, no Departamento de Estudos da Ciência, em Caracas, Venezuela. Atuava na Universidade de Campinas (UNICAMP).

<sup>22</sup> André Tosi Furtado.

você se transforma? Pois eu olhava o CNPq e nem mesmo o banheiro eu achava mais bonito. Nem isso. Não restava mais nada do CNPq que eu amava. Minhas amigas todas tentando sair do CNPq; indo para outros lugares; outros se aposentando, ou indo para a UnB. Eu olhava e não reconhecia o CNPq. Pensei: “Quem sabe eu dou certo? Vou voltar para a academia!” Conversamos em casa e meu marido falou: “Vamos, dá para gente ir. Dá para tentar. Vamos ver se você gosta ou se não gosta, se dá tudo certo.” Então, como é que eu ia? Tinha que pedir liberação do CNPq, que não estava liberando absolutamente ninguém. A UNICAMP não tinha condição de me contratar naquele momento; tinha que esperar o processo seletivo. E eu queria ir. Então, pensei: “Ah, vou cobrar uma conta de alguém!” O Goldemberg era Ministro de Ciência e Tecnologia. Eu tinha trabalhado com ele no projeto da USP. Ele tinha feito uma enorme sacanagem comigo, que agora não vale a pena contar, mas enfim, ele sabia que era devedor. Bati na porta, falei com a Secretária e com o Chefe de Gabinete, pedindo para o prof. Goldemberg me receber. Quando ele me recebeu eu disse: “Quero ir para a Unicamp. Quero que você autorize o CNPq a me deixar ir para a Unicamp.” Ele me respondeu: “Eu deixo você ir por três meses. Faça o CNPq manter seu salário por três meses. Aí, você tem que se arrumar”. Fiz as malas, aluguei minha casa e fui embora de Brasília para Campinas, com três meses de salário garantidos. Na Unicamp, fui para sala do André e disse: “Tenho três meses de salário. Nesses três meses, se vocês querem que eu fique aqui, têm que arrumar um jeito de eu ficar. Ele me disse: “Vamos pedir para a FAPESP uma bolsa de Professor Visitante”. Pedimos e foi aprovada por um ano. Depois desses três meses, fiquei sem o salário do CNPq, e vivendo com a bolsa da FAPESP, até que saiu o processo de seleção. Prestei o concurso e fui contratada.

Cheguei na UNICAMP. Essa é a minha história. A partir daí, é o que vocês sabem. Comecei a trabalhar, a fazer pesquisa e a dar aula. Foram períodos difíceis na UNICAMP, porque boa parte dos professores quando cheguei não tinha doutorado. Só tinham doutorado: o prof. Herrera<sup>23</sup>, Renato<sup>24</sup>, Tamas Smereczaniy, e eu. A gente se responsabilizou pelo Mestrado enquanto Leda<sup>25</sup>, Sérgio Salles, Sergio Queiroz<sup>26</sup>, Jorge Tapia, a Conceição<sup>27</sup>, estavam ainda fazendo doutorado. Só nós podíamos orientar. Só nós podíamos dar aula,.. Para mim ficou uma sensação muito boa. Fiz grandes amigos. Eu já era amiga do Renato antes de ir para lá, por razões outras, já que a irmã dele é casada com um grande amigo nosso. Então, eu já tinha essa relação com o Renato. Tive a sorte de chegar na UNICAMP e dividir a sala com o prof. Herrera, que foi a grande pessoa da minha vida do ponto de vista profissional. Eu tive

---

<sup>23</sup> Amílcar Herrera, argentino, geólogo e professor emérito da Unicamp, tendo chegado a esta universidade em 1979. Foi o criador do Instituto de Geociências (IG) e do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp, onde atuou como professor por mais de quinze anos. Faleceu em 1995.

<sup>24</sup> Renato Peixoto Dagnino.

<sup>25</sup> Leda Maria Caira Gitahy, entrevistada pelos CGT. Sua entrevista será publicada nos próximos números dos CGT.

<sup>26</sup> Sérgio Robles Reis de Queiroz.

<sup>27</sup> Maria Conceição da Costa.

muitos bons mentores. Meu chefe no CNPq quando cheguei foi uma pessoa maravilhosa. E ter dividido a sala com o prof. Herrera quando cheguei na UNICAMP, também foi algo muito importante na minha vida. Fomos desenvolvendo as atividades no departamento, elaborando programa de doutorado, fomos nos qualificando e, assim, dividindo as tarefas, estruturando o curso. Assim, a vida do nosso programa na Unicamp foi se desenvolvendo.

A família foi se adaptando em Campinas. Meu marido acabou tendo mais uma série de problemas de saúde e acabou se aposentando do Ministério. Então, acabou dando certo para ele ficar em Campinas junto comigo. Reinventou totalmente a vida dele. Virou ceramista. Está feliz. Está tocando celo<sup>28</sup> na orquestra. De vez em quando ele trabalha comigo em projeto. Temos publicações: Velho & Velho, porque ele trabalha junto comigo. As publicações que temos juntos são Velho & Velho.

CGT: Quando você estava em Edimburgo-EUA, foi para fazer estágio de pós-doc e engravidou de sua terceira filha, que hoje tem 17 anos. O período de pós-doc é menor do que o de doutorado, que seu marido foi cursar na mesma universidade. Ele chegou a completar os quatro anos de doutorado? Caso positivo, você teria voltado sem ele?

Lea: Não. Ficamos dois anos lá. Depois, tive que voltar para o Brasil em 1990, para reassumir no CNPq, em Brasília. Em 1991 fui para Campinas, trabalhar na UNICAMP. Como ele não quis ficar sozinho em Edimburgo, ele transferiu o doutorado dele para Campinas e terminou no IFCH. Ele trabalhou na área de Proteção de Plantas. Na verdade, é direito de propriedade intelectual ligado a variedades de plantas. Ele fez um estudo sociológico dessa controvérsia sobre a lei de cultivares no Brasil. Para ele foi ótimo porque motivou-o a continuar na academia e isso o qualifica, porque tem vários projetos que só assumo se ele assume comigo. Trabalhamos muito bem juntos.

## GÊNERO, CIENCIOMETRIA E BIBLIOMETRIA

CGT: Li em textos de sua autoria e ontem na sua palestra<sup>29</sup> sobre Ciência e Tecnologia, informações sobre os paradigmas da C&T -inicialmente como “motor do conhecimento científico”; e, em um outro momento, quando a C&T tenta solucionar “os problemas econômicos e sociais”- este último paradigma, em construção. Você, então, propõe estratégias para os sistemas de indicadores de C&T. Essas reflexões contempladas no *paper*<sup>30</sup> e que você fez na palestra, daria para fazer sinteticamente, agora com uma abordagem de gênero?

Lea: Tem muitos estudos de Bibliometria com enfoque de gênero. O meu

---

<sup>29</sup> Palestra proferida na abertura do 2.o Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), ocorrido de 05 a 08 de novembro de 2007, em Curitiba-PR.

<sup>30</sup> Título do *paper*: Estratégias para um sistema de indicadores de C&T no Brasil. Ciência e tecnologia: acompanhamento e avaliação. In: *Parcerias Estratégicas*. Nr. 13, dez 2001

estudo publicado no *Pagu*<sup>31</sup>, por exemplo, tenta um pouco aplicar a Bibliometria aos estudos de gênero, porque em geral, pesquisador não tem sexo. Quando você entra na base de dados bibliométricos, as pessoas não têm sexo. As pessoas têm instituições, mas elas não têm sexo. Ou seja, considera-se importante a instituição de onde a pessoa vem como uma condicionante da produção científica dela, mas o gênero não aparece. Isto é, o sexo; não é nem gênero. Tanto que se você quiser pegar na base de dados do “Science Citation Index”, por exemplo, a produção científica na área de Sociologia da Ciência e quiser saber qual a contribuição de homens e mulheres, você não consegue. Só tem a inicial do nome do pesquisador.

CGT: Essa foi uma das sérias críticas que houve em um encontro que houve em Brasília sobre C&T<sup>32</sup>.

Lea: Não se consegue olhar a Bibliometria a partir da perspectiva de gênero, a não ser que você construa sua base de dados. Alguns pesquisadores tentaram, construindo sua base de dados. O Merton, por exemplo, ele tem dois discípulos, que são dois irmãos que trabalharam com ele, que são Cole & Cole. Eles publicam muito juntos. Os Coles escutavam muito essa crítica e eles são os que ajudaram a pegar os conceitos principais do Merton e a quantificar esses conceitos, a partir do uso dessas bases de dados de publicação, de citação, etc. Eles tentaram combater essa tese que algumas pesquisadoras feministas começaram a colocar, a exemplo da Margaret Rossiter<sup>33</sup> e a Mary Fox<sup>34</sup>, de que as mulheres eram tão produtivas quanto os homens, mas que elas não conseguiam o mesmo reconhecimento. Os Coles escreveram um livro que se chama “Fair Science<sup>35</sup>” onde eles tentam com os dados da Bibliometria mostrar que de fato as mulheres têm menor reconhecimento que os homens. Mas elas têm esse menor reconhecimento porque elas publicam menos. Ou seja, o argumento deles é o seguinte: a Ciência é totalmente meritocrática. E ela funciona de maneira meritocrática. Se as mulheres têm menor reconhecimento, não é por discriminação; é porque de fato elas publicam menos e, de fato, elas publicam em revistas de menor impacto. Esse é o argumento: a Ciência é “fair”; o problema são as barreiras de entrada. Mas, quando as mulheres entram, elas

---

<sup>31</sup> VELHO, Lea; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. In: *Cadernos pagu* (10) 1998, p. 309-344.

<sup>32</sup> Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa – Pensando Gênero e Ciências, realizado em Brasília, em março de 2006.

<sup>33</sup> Margaret W. Rossiter é professora de História da Ciência, e Estudos de Ciência e Tecnologia da Cornell University. Seus interesses de pesquisa centram-se na Ciência da América nos séculos 19 e 20, especialmente Ciências Agrárias e Mulheres na Ciência. É autora de diversos livros, dentre eles: “Women Scientists in America: Struggles and Strategies to 1940” (Women Scientists in America, de 1984); e “Women Scientists in America: Before Affirmative Action, 1940-1972 (Women Scientists in America – vol. I, de 1995; e vol. II, de 1998).

<sup>34</sup> Mary A. Fox é professora assistente na Johns Hopkins Bloomberg School of Public Health. Está envolvida com pesquisas sobre saúde da comunidade e do meio ambiente; assertivas de risco; risco cumulativo; políticas públicas. Ganhou diversos prêmios na área da Ciência, a exemplo do American Association for the Advancement of Science Risk Policy Fellowship, em 2001.

<sup>35</sup> A entrevistada refere-se ao livro “Fair Science: Women in Scientific Community”. Tradução livre: “A Ciência é Justa: As mulheres na comunidade científica”, de Jonathan R. Cole, publicado por New York, Columbia House, em 1987.

têm um tratamento adequado.

Então, quando escrevemos esse artigo da *Pagu*, como não há maneira de se ter a informação de produção científica, através das grandes bases, o que fizemos foi um levantamento detalhado da produção científica das mulheres em alguns institutos da Unicamp. Tentamos olhar como é que as mulheres participam, em números, como professoras do departamento, como é que elas sobem na carreira e, olhando a produção científica delas, quanto elas contribuem para a produção científica; isto é, se a contribuição delas é proporcional à presença delas no departamento. Tem algumas coisas bem interessantes que mostram que as mulheres publicam e contribuem mais do que era de se esperar, em função da proporção que elas têm no departamento. Não me lembro os dados exatos, mas é algo como: tem 12% de mulheres e elas contribuem com 15% da produção científica. E essa produção científica que as mulheres contribuem não é uma produção científica em artigos de segunda classe. É uma produção científica em artigos indexados no “Science Citation Index”, ou seja, em revistas indexadas. E assim mesmo, o reconhecimento que elas têm –e aqui o reconhecimento é medido em função da progressão delas na carreira– é muito mais lento. Elas estão nos escalões mais baixos que os homens. Isso em si **não é evidência de discriminação**.

Mas é evidência de que há processos que informam diferentemente homens e mulheres de quando eles estão preparados para avançar na sua carreira. Há evidências de que o mundo social é diferente, ainda que não seja evidência clara de discriminação. Não é que o departamento ou instituto negue às mulheres o direito delas se candidatarem a um concurso de promoção. São elas que sentem que nunca estão preparadas para isso. Porque você pode pedir o concurso na hora que você quer. Essa é uma iniciativa do professor. Nenhuma delas foi capaz de relatar que ela tenha pedido para que se abra concurso e que o departamento negou. Não é uma discriminação aberta. Pode ser que no cafezinho, quando ela se abre com algum professor, ele possa dizer para ela que talvez ela possa esperar um pouco mais; talvez depois que ela fizer isso ou aquilo; talvez depois que sair aquele seu artigo. Então, é possível, mas isso a gente não conseguiu detectar. O que conseguimos detectar na fala das mulheres é que elas nunca sentem que de fato elas estão preparadas para pedir um concurso de promoção. Para elas pedirem, elas exigem muito mais delas do que os homens exigem para pedirem a mesma promoção. Tem um nível de autocrítica ou que se pode dizer talvez de menor auto-estima e maior auto-crítica das mulheres, ou insegurança – o nome que se queira dar para isso. Então, tem muitos estudos interessantes nesse sentido, que dá para juntar a Cienciometria ou a Bibliometria com a questão de gênero. E vários têm sido feitos. O grande problema são as bases de dados. Como é que se trabalha com bases de dados que não categorizam e que não classificam com relação a gênero. Estou coordenando um estudo grande, que é financiado pelo IDRC canadense sobre Research on Knowledge Systems (RoKS), que é em parceria sobre Bioprospecção. Todas essas áreas multidisciplinares são muito difíceis de você tirar da base de dados. Por exemplo, a produção da nossa área, Ciência, Tecnologia e Sociedade: como é que se delimita essa área dentro do Science Citation Index? Isso é muito difícil, porque tem pesquisador que publica

na Antropologia, na História, na Sociologia, na Política Científica. Então, é muito difícil. A Bioprospecção é uma área mais ou menos parecida. Tem Propriedade Intelectual, tem Farmacologia, tem Botânica. Então, há várias áreas que contribuem para a Bioprospecção. E um dos meus alunos de Mestrado, que trabalha muito bem com Bibliometria, conseguiu usar alguns filtros bem interessantes de forma a extrair da base de dados o que seria a produção científica da área da Bioprospecção. Eu orientei a ele: “Agora vamos fazer o seguinte: vamos fazer uma análise de gênero”. Ele tentou fazer uma amostra piloto. Mas, **é manual**. Você tem que identificar o artigo, ir na fonte, olhar se, por acaso, esta revista coloca o nome inteiro do autor e não só a inicial. Algumas revistas colocam o nome inteiro e outras não colocam. Se esse nome completo é um nome claramente distinguível. **Muitas vezes não é**. Em seguida, você tem que ir ao endereço de e-mail e tem que escrever para o autor e perguntar: “Você é homem ou mulher?” A gente tentou fazer com uma amostra, mas foi muito difícil, porque as bases não permitem.

CGT: A partir dessas suas colocações, percebemos que algumas referências feitas por você em seus artigos estão exatamente dentro das normas nacionais/internacionais exigidas e você, portanto, só coloca as iniciais dos autores que você utiliza. Não dá para saber se são homens ou mulheres que estão contribuindo para sua produção científica. Apesar de seus estudos em gênero, não estaria você dando continuidade ao “status quo” vigente?

Lea: Você tem toda razão. Mas a gente faz a referência de acordo com as normas da revista, que é quem estabelece as normas. Por exemplo, quando você publica na *Science* –não é meu caso, porque nunca publiquei nessa revista–, mas de qualquer maneira, se você olha as referências você vai ver que a *Science* adota só o resumo do título do periódico. Então, se você escreve numa revista qualquer, todas elas dão o padrão que você tem que colocar a literatura. Tem que colocar as referências. Não é uma escolha do autor. É uma escolha da edição da revista. Agora, acho que você tem toda razão no sentido de que várias de nós participamos de comitês editoriais de revistas e que a gente pode tentar mudar isso. Isso eu nunca fiz. Acho que você tem toda razão de cobrar isso. Acho que é algo que a gente tem que fazer. Eu participo de comitê editorial de umas três ou quatro revistas e acho que podemos colocar isso e dizer que isso é algo importante. Agora, se as bases, depois, vão levar o nome, aí, já é um critério da base. Eu duvido que o “Science Citation Index” faça isso. Eu duvido. Agora, é verdade que a gente pode ir mudando essa cultura devagar. Se você quiser escrever de um jeito que está fora do padrão da revista, a editora muda. Você não muda se não estiver de acordo? Você não ajusta? Não é uma escolha do autor. É uma escolha da revista.

## CIÊNCIA E GÊNERO X CLASSE X ETNIA

CGT: E essas regras acabam ocultando a produção das mulheres. Somos educados a pensar que é o homem quem produz Ciência. Aliás, como você vê a presença das mulheres na Ciência hoje? Elas estão mudando a Ciência? A presença das mulheres na Ciência tem mudado o que? Ou a Ciência

não pode ser mudada? Faz uns dez anos desde que seu texto no *Pagu* foi publicado. O que mudou nesse tempo?

Lea: Acho que é uma pergunta muito difícil de responder. Até porque é difícil ter uma visão contemporânea sobre os fatos que estamos vivendo. Mas, acho que mudou pouco do que está descrito no referido artigo. As mulheres estão entrando em números maiores na Ciência. Eu acho que hoje tem muito mais mulheres fazendo Ciência do que tinha antes. Pelos dados do diretório do CNPq, dos líderes de grupos de pesquisa, os líderes continuam ainda, na sua grande maioria, sendo homens. E aí tem algo polêmico, que é o seguinte: na visão dos cientistas, eles ainda têm uma visão e uma concepção de Ciência, que pertence ao primeiro paradigma. Isto é, uma visão de que a Ciência é neutra, de que não existe influência de valores, de que não existe interesse, de que ela não é um processo de negociação de significados. E as mulheres que fazem Ciência são as mesmas mulheres que acham isso. Elas também foram socializadas dentro desse sistema. Então, para as próprias mulheres que fazem Ciência, não tem nenhuma importância que elas sejam mulheres, ou homens. Elas, na sua maioria, acreditam que a condição de sexo delas não tem nenhuma interferência naquilo que elas produzem. pode entrevistar qualquer mulher cientista, ela vai dizer isso: que a visão dela é neutra, que a Ciência é objetiva e que gênero não tem nenhuma importância na ciência que ela produz.

Mas vou dizer para vocês uma coisa: tenho mais preocupação no caso brasileiro, e aí as feministas podem não gostar. Não estou dizendo que a questão de gênero não é importante. Tenho mais preocupação no Brasil com a questão de classe na Ciência do que a questão de gênero. Enquanto a universidade pública brasileira que é a que produz conhecimento de fato for tão absolutamente dominada pelas classes sociais mais altas, a visão e a concepção de Ciência, os problemas que se colocam para a Ciência refletem os interesses desta classe. Eu diria assim: que nas universidades de pesquisa brasileiras, para ser bem específica, a discriminação é maior com relação à classe social do que com relação a gênero. Existe uma discriminação em relação a gênero, mas eu diria que, se existe uma ordem de importância, a questão de classe é mais importante. Digo que é muito mais fácil para a minha filha chegar na Unicamp do que para o filho da minha empregada. E aí, as questões que movem a minha filha, as preocupações que a minha filha tem são muito diferentes do que as preocupações que o filho da minha empregada tem. Então, o que acho é que a Ciência brasileira tem muito a ganhar com o acesso de pessoas das classes mais baixas. Ela tem a ganhar diversidade, variedade de enfoques, variedade de problemas, questões que vão ser trazidas para a Ciência se houver uma democratização do acesso, quem tem condição de fazer Ciência vai ter muito a ganhar com essa abertura social e de classe. Acho que as mulheres têm muitas visões diferentes, mas homens e mulheres da mesma classe e que são aqueles/as que têm acesso a fazer Ciência, têm uma diferença menor entre si, do que têm com as pessoas de uma classe diferente. Percebem o que estou dizendo?

CGT: Entram nesse cenário as questões também de etnias, como homens e mulheres negros/as, por exemplo. Se você pegar classe, gênero e etnia, pode-se até hierarquizar o tipo de necessidades que cada um tem.

Lea: Classe e etnia acabam se misturando um pouco. Ah, claro, até gênero, porque dentro da etnia e da classe, você também tem as relações de gênero. Tudo é muito confuso. Isso colocado, vamos olhar o que acontece no “status quo” da Ciência. O que acontece no “status quo” da Ciência é que esse artigo [no *Pagu*], por mais que ele tenha dez anos, ele reflete essas diferenças. Tenho um dado muito interessante que vi outro dia, que não sei como ele se aplica para o Brasil. Quase apostado que ele se repete. Entre as mulheres pesquisadoras, 70% são casadas com pesquisadores; 20% são solteiras e só 10% são casadas com homens que trabalham em outros setores. A grande maioria das mulheres pesquisadoras casadas, é casada com pesquisadores. Entre os homens, **é muito pouco**; é menos do que 20% de homens pesquisadores casados com mulheres pesquisadoras. Normalmente as mulheres são colegas dos seus maridos. Na minha observação, isso é puro anedotismo, no sentido inglês. É na minha observação. Não tem nada muito sistematizado; e pelas mulheres que já entrevistei até hoje. **A carreira do marido é a mais importante**. Se eles trabalham na mesma área, o marido é quase sempre o primeiro autor.

CGT: Se tiver que sacrificar uma das duas carreiras, quase sempre é a da mulher.

Lea: Sim. Tem pesquisadora que fala: “Meu marido até ficou com as crianças para eu ir para o congresso”. Quando que o marido fala assim: “Minha mulher até ficou com as crianças para eu ir ao congresso”? É normal que ele vá para o congresso e que a mulher fique com as crianças. É normal. É absolutamente normal. Para ela, não. Ela se sente devedora porque o marido ficou com as crianças. É uma questão que vem e enquanto não se mudar a maneira de criar, etc., etc., a mulher continua a carregar essa idéia que filho é responsabilidade dela. Quando o marido é bom, ele ajuda. O bom marido é aquele que ajuda. O bom marido não é aquele que divide de fato as tarefas: responsabilidade, sensação de culpa, não é. O bom marido é aquele que ajuda. “Ôh, meu marido é legal, cara! Meu marido me ajuda! Ele fica com as crianças!” Estou numa comissão da Unicamp, que se chama Comissão de Desenvolvimento Institucional. É uma comissão que tem um representante de cada instituto que faz avaliação dos relatórios trienais dos docentes sobre tudo que fez. Nessa comissão avaliam-se também todos os concursos pelos quais os professores passaram. Exemplo: professor do Instituto de Química pediu concurso para Adjunto com Parecer da Banca anexado, Memorial, etc. e a comissão tem que se pronunciar sobre o processo. Vejo **constantemente** concurso de mulheres para passarem para “Adjunto” que, fosse qualquer homem, já seria Adjunto há pelo menos cinco anos. Como é que elas precisam estar confiantes muito mais para garantir sucesso; e com que rapidez os homens adquirem a confiança e têm a certeza de que eles podem fazer isso e com que demora elas o fazem. Relativamente, o passo **é muito diferente**. É difícil tirar explicação da própria pesquisadora sobre isso. É muito difícil. Elas dizem: “Ah, não; achei que ainda precisava ter mais uns dois alunos de doutorado; eu precisava mostrar que essa minha linha de pesquisa já tinha de fato produzido o suficiente!” Tem sempre alguma explicação.

Vocês conhecem aquele estudo de Matemática que pega os meninos e

as meninas em uma sala de aula e que foram mal em Matemática. Pergunta-se ao menino: “Por que você foi tão mal nessa prova?” Ele responde com zanga: “Porque a prova foi um absurdo; e porque a professora pediu tudo que ela não tinha dado em sala”. Ou seja, a causa dele ter ido mal é externa. Você faz a mesma pergunta para a menina. Ela responde: “Porque não sou boa de Matemática. Tenho dificuldades”. A causa é interna. Já o contrário: se você pergunta para o menino: “Por que você foi bem em Matemática? Por que você acha que “estourou a boca do balão<sup>36</sup>”?” Ele responde: “Porque sou bom prá caramba em Matemática!” Se você faz a mesma pergunta para a menina, ela diz: “Porque a prova foi fácil!” Quer dizer, a causa é interna; não é porque ela sabia, mas sim porque a prova foi fácil. E quando ela vai mal, a causa também é interna: “Porque sou ruim, em Matemática”. Então, acho que é uma caricatura, mas tem alguns estudos mostrando que é um traço que persiste.

*CGT:* Há também um outro lado (também embasado em pesquisas): quando a aluna vai bem, ela é esforçada. Esforçou-se muito e conseguiu tirar dez. Já o menino, é brilhante! Ele está dentro das características atribuídas aos homens.

Lea: Então, vai-se reproduzindo isso. Até ela incorporar alguma mudança.

*CGT:* O impacto para a Ciência no sentido de provar a menor auto-estima das mulheres acaba se reproduzindo até na produção.

Lea: Sem dúvida. Sem dúvida. Ela nunca acha que o artigo está bom e que vai ser aceito. Quando Cole fala que as mulheres recebem menor reconhecimento porque elas publicam menos e que elas publicam em revistas de menor impacto, ele estão dando **uma** explicação para o que é uma boa Ciência. Qual é a premissa de onde eles partem? Que a boa Ciência é aquela que rende bastante publicações e que é publicada nas revistas de maior impacto. Mas, é isso que é boa Ciência? É a partir disso que devemos julgar se as mulheres têm que ter reconhecimento ou não? Ou, a partir desses critérios é que se atribui o reconhecimento científico? Ou a mulher que forma e orienta não sei quantos alunos que, depois, são bons mentores, que adquirem uma série de hábitos, de conhecimentos, etc.?

Porque veja essa linha de pesquisa que estou querendo entrar agora: o que acontece quando se tem homem ou mulher orientador/a? O que é que se passa além da formação disciplinar? O que vem junto? Como é a mulher que é mentora e o homem como mentor? Quero tentar entender se tem alguma diferença nisso, não na formação técnica do aluno, mas na aquisição de certas competências, como mentor/a. Acho que é uma linha que pode ajudar-nos a entender como é a mulher como formadora, além daquela formadora que transfere conhecimentos; formadora enquanto atitude de um novo pesquisador.

Tenho uma aluna de Mestrado que trabalha como bibliotecária na Física. Ela quer pesquisar a Física. Sugerir a ela fazer entrevistas às mulheres na Física

---

<sup>36</sup> “Estourar a boca do balão” é uma expressão da gíria brasileira que significa alguém ter realizado com excelência alguma coisa.

e ver nesses dez anos o que está mudando; mas começar com alunas de graduação, mestrado e doutorado. Ela já fez uma primeira versão de um artigo, que é a partir de entrevistas feitas com alunas de graduação, de mestrado e de doutorado. Com as alunas de graduação se passa algo muito engraçado, porque ao responderem se tiveram discriminação, todas dizem que não. Mas, no meio da conversa, sempre aparece algo: “Ah, tinha um professor que todo final de aula, dizia: as meninas que não entenderam, perguntem para os meninos”, que aliás, é o título do nosso artigo: “As meninas que não entenderam, perguntem para os meninos”. Ela dizia que o professor falava num tom meio jocoso. Já virou piada. Minha aluna dizia que se ele falava assim, é porque alguma coisa já passou pela cabeça dele.

E outras coisas muito interessantes que elas falam, que aliás, a bibliografia conta: a diferença na formação dos círculos profissionais. Então, os homens, por exemplo, quando vão tomar café, chamam os homens. As mulheres não participam do café; as mulheres não participam da “happy hour”; as mulheres não participam de conversinhas na sala de um ou de outro; assim, elas vão sendo excluídas de situações que são aparentemente sociais, mas são eventos que ajudam a construir institucionalmente os espaços de trabalho.

CG7: É como a política. Ela não se faz nas reuniões. A política se faz em saídas que parecem informais e, via de regra, quando emerge, já surge muita coisa pronta.

Lea: As mulheres, no geral, não são chamadas para esse tipo de situações.

CG7: Mas tem um outro lado também. Elas, no geral, não vão, porque até lhes falta a iniciativa nesse sentido. Até são convidadas para ocuparem cargos elevados na hierarquia das empresas, mas elas muitas vezes não querem ir. Então, não adianta um número maior de mulheres em determinadas áreas, se elas não têm consciência das questões de gênero.

Lea: Ontem, quando você começou a chamar a mesa<sup>37</sup>, fiquei nervosa. Pensei: “Nossa, será que não vai aparecer mulher para compor a mesa? Cadê as mulheres?”

CG7: Há pouquíssimas mulheres. A UTFPR é historicamente masculina. Sobre as mulheres, quando elas próprias se colocam nessa posição de não querer assumir funções nos níveis hierárquicos superiores, há vários fatores.

Lea: Sim. Também porque ela foi socializada desse jeito. Quando se tem um casal de filhos e a mãe não está no carro, quem vai sentar na frente, com o motorista-pai, é o filho-homem. Isso é assim desde sempre. São situações que estão incorporadas na cultura e que você reproduz. É como sorrir. Quem ensinou você a sorrir? Você adquire isso por pura imitação sem nenhuma consciência do que você está fazendo. O modelo se reproduz e mudar esse modelo é muito difícil. Repito: é difícil mudar como você se vê no mundo e como vê seu papel nesse mundo, e o que você quer da vida. Porque você foi

---

<sup>37</sup> Lea dirige-se à Nancy e se refere à mesa que compôs a abertura do II Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade.

acostumada desde pequena a não mandar. Se a menina é mandona, a mãe já começa logo a podar. E o menino, não. O menino manda e é normal que o menino mande. Então, são situações que, nesse processo de socialização da criança, ela adquire certos comportamentos e outros não. Outra coisa que é verdade e acho que é um bem para nós. Em um desses artigos meus publicados eu falo isso e que tem a ver com modelos de carreira. O modelo de carreira científica foi desenvolvido para homens, brancos, que têm uma mulher em casa, cuidando de sua vida. Quando o pesquisador telefona para a mulher e diz: “Vou trabalhar sábado ou vou ficar no laboratório até 11h da noite”, isso é normal. A mulher não faz isso. E não quer ficar no trabalho até 10h ou 11h da noite, mesmo se for prometido a ela ser reitora da Unicamp. Ela não quer porque ela tem muita coisa legal para fazer à noite. Ela quer escutar suas óperas, ela quer ler seus livros. Nesse momento, por exemplo, no nosso instituto [IG], porque tem vários pesquisadores na minha situação, que já podem se aposentar. Para uma grande maioria das mulheres, aposentar é uma bênção, porque ela tem quinhentas coisas para fazer. Para os homens, é um tormento. Eles têm medo de ficarem deprimidos. Eu coloco assim: “Já estou de saco cheio de dar aula. Quero fazer outra coisa; quero trabalhar nos projetos que me interessam; não quero ninguém mandando em mim; quero fazer só as consultorias que me interessam”. Os homens todos se apegam ao trabalho e dizem: “Quero ficar aqui porque amo meu trabalho”. Retruco: “Eu amo meu trabalho também. Mas, não amo ficar na Unicamp. Quero fazer algo diferente”. É como se o que estou dizendo significa vilipendiar o trabalho de professor. Pelo contrário, não é que não gosto, mas sim que quero fazer outra coisa. Enquanto modelo de carreira vigente, ou seja, para você realmente ser respeitado, tem que seguir o modelo de carreira masculino e, neste modelo, é difícil que as mulheres realmente consigam o mesmo reconhecimento que os homens. É necessário que tenha uma multiplicidade de carreiras com reconhecimento para essa multiplicidade.

Posso ser uma grande professora e dar não sei quantas horas de aula por dia e fazer pesquisa marginalmente. Deveria ter reconhecimento por aquilo que sei fazer bem. A outra é uma grande pesquisadora, mas professora medíocre; a outra é uma grande orientadora. As pessoas têm que ter o reconhecimento por aquilo que elas fazem bem. O tempo delas é um tempo bem gasto. Mas a carreira, não. A carreira é única. A carreira exige que você faça tudo e o faça bem e você tem que cumprir todas as suas tarefas na universidade, fazendo pesquisa de noite e de fim de semana. Aí, a mulher não cabe nesse modelo. Ela não cabe e ela não quer. Aí é deliberado: ela não quer. Você quer? Eu não quero. Se eu tiver que fazer isso, bom, agora já cheguei a professora titular, mas não chegaria, porque eu não quero esse tipo de vida para mim. Ainda ontem o Hernan Thomas<sup>38</sup> falou para mim: “E aquele livro que você prometeu?” Respondi: “Só se eu escrever de madrugada.” Ele disse: “É por que não? Eu escrevo!” E eu: “Ah, você escreve. Eu não escrevo. De madrugada, eu durmo e, de preferência, juntinho do meu marido! Não quero saber”. Então,

---

<sup>38</sup> Hernan Thomas, da Universidade de Quilmes, Argentina.

não acho que as coisas têm muita chance de mudar dentro desse modelo de Ciência. E cada vez mais estamos sendo levados a adotar um modelo único, como se todos, para terem mérito, tivessem que se encaixar nesse modelo único. Eu conto essa história da Física sempre. Tenho um sobrinho muito inteligente, que fazia Física na Unicamp. Ele podia fazer qualquer coisa. Passou no vestibular para Medicina, porque teve pontuação para isso. Mas, ele queria fazer Física, onde entram cinqüenta e se formam cinco, porque lá há um problema de evasão seríssimo. Esse meu sobrinho estava fazendo Iniciação Científica. Conheci o orientador dele, até porque era casado com uma colega nossa do IG. Acho que era fevereiro. Fomos almoçar e, ao encontrar o orientador, este perguntou: “Cadê o Antonio –meu sobrinho?” Eu respondi: “Sei lá! Ele deve estar de férias, eu imagino”. E o orientador me disse: “Mas, férias? Você acha que bolsista de Iniciação Científica na Física tira férias?” Eu falei: “Trabalhador e estudante no mundo inteiro tira férias”. Ele: “Na Física, não! Bolsista de Iniciação Científica na Física, não tira férias!” Então, eles vendem essa imagem de que é um sacerdócio. Se você quer ser bom na Física, é um sacerdócio. Se um menino de Iniciação Científica não pode tirar férias, a mulher não pode sair às 4h da tarde para ir à festinha da escola do filho dela. Não faz parte do modelo. Não há espaço para isso. Quando eu estava na UnB, eu tinha que pegar meus filhos na escola às 6h da tarde. Meu marido ficava na estação experimental e demorava muito. O chefe de departamento resolveu que tinha um dia na semana que ele distribuía as revistas científicas –era até um sistema interessante– e nesse dia, um professor tinha que relatar um artigo que tivesse lido e discutido. Ele começava essa atividade às 5h da tarde. Eu ficava na maior agonia, porque às 10 para as seis eu tinha que sair. Bom, normalmente, esse encontro demorava mesmo uma hora, embora às vezes, ia um pouco mais. Um dia, já eram 6h10; eu estava apavorada; olhei para ele e disse: “Desculpa, professor, mas tenho que sair porque tenho que pegar meus filhos na escola”. Ele respondeu: “**É difícil contar com mulher!** Mulher sempre tem sempre que correr atrás dos filhos; portanto, não se pode contar com mulher!”

CGT: Os pesquisadores sempre contam com as mulheres que vão pegar seus filhos. Eles podem contar com a esposa nesse sentido.

Lea: Então é isso. A carreira científica foi desenvolvida para quem tem alguém para buscar o filho na escola, quem vá assistir às festinhas; quem vá conversar com a professora quando ela chama, quem vá fazer supermercado. Para esses é que a carreira acadêmica é feita. O modelo da carreira científica e acadêmica é esse. E aí a mulher não cabe e não quer. Agora, uma coisa muito interessante que até o Henry Etzkowitz<sup>39</sup> fala no livro dele. Ele é “uma figura” quando ele escreve sobre as mulheres. Vocês já leram este autor? Ele é muito legal. Ele diz que tem muitos homens que hoje em dia não querem mais ter essa carreira. Tem muitos homens que querem ter uma carreira semelhante à

---

<sup>39</sup> Henry Etzkowitz é Professor Visitante para Pesquisa no Departamento de Tecnologia e Sociedade, Faculdade de Engenharia e Ciências Aplicadas, na Universidade de Stony Brook. Dentre vários livros publicados, está: “Athena Unbound: The Advancement of Women in Science and Technology” (Cambridge: Cambridge University Press, 2000).

que as mulheres têm. Eles querem poder participar das festas da escola dos filhos. Eles querem poder ficar com os filhos na escola. E que a revolução de gênero é mais facilmente feita pela associação desses homens com as mulheres que admitem claramente essas diferenças do que só pelas mulheres. Ou a gente se associa e se alia àqueles que têm clareza de que este modelo de carreira acadêmica é um modelo “furado”, que não precisa ser assim, pelo menos não precisa ser único; e que a gente tem aliados importantes em alguns homens, que já perceberam isso e que também têm múltiplos interesses, assim como as mulheres.

*CGT:* Mas, é só na carreira acadêmica ou é no mundo do trabalho em geral?

*Lea:* Ele está falando na carreira acadêmica. Mas, na verdade, é um movimento que também está acontecendo no mundo do trabalho. Quer dizer, o mundo do trabalho eu conheço muito mais por revista de divulgação científica do que por estudos científicos propriamente. Mas, volta e meia vejo fatos com jovens em carreira de gestão em empresas a quem foram oferecidos postos mais altos e que uma porcentagem enorme declinou porque o posto mais alto implicava em ter que fazer muito mais viagens e muito mais horas de trabalho e que eles preferiam ganhar menos, mas ter uma vida com menos estresse, para poder aproveitar a família, filhos, jogar seu tênis, etc. Enfim, é isso que nós queremos. Queremos poder ir para a academia, etc. e cumprir nossas obrigações. Ninguém aqui está falando de vilipendiar nossas profissões. Estamos falando de trabalhar seriamente, mas não estamos falando de sacerdócio.

*CGT:* Certas mulheres que estão na indústria e têm formação para isso, geralmente preferem não subir na hierarquia da empresa, principalmente multinacional, senão têm que esquecer sua família, precisam viajar; têm horário para chegar, mas não para sair, e ficam na empresa até quando precisar. A vida é a empresa. Há compensações financeiras, mas muitas preferem não aceitar cargos mais elevados. E os homens, cuja vida sempre foi a empresa (sábados, domingos, madrugadas, finais de semana), o que faz depois que se aposentam?

*Lea:* E chega um momento que cansa. A mulher se dá conta com muito mais rapidez que o homem de que essa situação cansa. Os homens cujas vidas foram as empresas, ao se aposentarem, muitas vezes não conseguem nem mais conversar com os filhos. A mulher é a porta-voz da relação. Então, para sumarizar: acho que não mudou muita coisa.

*CGT:* Você é uma referência no campo de gênero. Mas, seus textos mais recentes parecem distanciar de gênero.

*Lea:* Essa nossa área é multidisciplinar. A minha produção científica inicial é sobre Cienciometria, até por conta de que eu trabalhava em um Centro de Estudo no CNPq. Trabalhávamos muito a Bibliometria e a Cienciometria. Era legítimo trabalhar nesse Centro de Estudo. Mas, gênero, assim como várias outras linhas de pesquisa, pós-graduação, formação de recursos humanos, são temas que eu pego e largo, dependendo um pouco do que acontece. Depende do financiamento, depende se tenho aluno interessado. É um tema que sempre leio e estou sempre mantendo. Mas, a pesquisa mesmo, eu faço quando existe algum incentivo extra, a exemplo: tenho um financiamento ou tenho um aluno

interessado, porque a área de estudos sociais da Ciência e da Sociologia da Ciência, é muito ampla. E oriento alunos nos temas mais variados. Tem uma aluna que está pesquisando sobre mudança técnica e obesidade; tem outra que está pesquisando sobre construção da tecnologia nas casas populares e como as mulheres participam do desenho da construção das casas populares. Quer dizer, é um enfoque de gênero, porque estamos olhando a construção social, mas o papel das mulheres especificamente. Tem uns dois ou três que estão trabalhando nesse projeto de Bioprospecção. Na verdade, posso dizer que a minha área de pesquisa é sobre dinâmica e modos de produção do conhecimento. Esse é o meu tema. Às vezes eu olho como a cooperação internacional contribui para a produção do conhecimento. Às vezes eu olho como é que a questão de gênero tem implicações para a produção do conhecimento. Como é que o sistema de avaliação tem implicação na produção do conhecimento. Como é a formação dos pesquisadores. E, motivada com o objetivo de fornecer subsídio para a elaboração de políticas. Então, o que eu quero é entender as diversas maneiras de produção do conhecimento E, a partir dessa compreensão, fornecer subsídios para a área de decisão de políticas. E aí gênero entra como uma componente, mas ele nunca foi o meu tema de pesquisa principal.

CGT: Você participou do movimento feminista no Brasil? Esteve na militância deste movimento?

Lea: Não. Nenhuma. Aliás, conheço pouco do movimento feminista no Brasil, a não ser por leitura. Sou leitora do movimento. Comecei a me interessar por gênero exatamente pela relação de gênero e ciência. Foi de ciência que fui para gênero e não o contrário. Meu ponto de partida é a produção de conhecimento. E aí, gênero é uma categoria importante na produção de conhecimento.

CGT: Quando você menciona sua trajetória nos laboratórios no tempo da graduação, vem-nos à lembrança os estudos de Bruno Latour, pioneiro a fazer etnografia de laboratório e que afirma como a ciência é construída principalmente através da adesão dos pares.

Lea: Dentro dessa linha de pesquisa, temos alguns trabalhos. Temos estudos que fizemos à la Bruno Latour, que está até publicado na revista de Manguinhos, que é um estudo sobre a etnografia não de um laboratório no sentido tradicional de laboratório, mas etnografia de um laboratório médico de discussão de intervenção de cateterismo cardíaco. Ou seja, como se constrói o consenso através dos processos de negociação dos médicos de várias formações. E de gênero: se as mulheres que se comportam e têm visões diferentes dos homens, quando vêm um procedimento de cateterismo cardíaco, nas decisões sobre diagnóstico e prognóstico. Agora tenho uma aluna que é da UNEMAT, Mato Grosso, que está fazendo etnografia de laboratórios; ou seja, ela está observando a produção de conhecimento em Biologia no campo e no laboratório; como é que estas tribos de campo e de laboratório se comportam, que dinâmica elas têm na produção do conhecimento, que semelhanças, que diferenças. Então, eu “brinco” nessa área de produção de conhecimento nas suas várias vertentes, tanto na linha construtivista como na mais mertoniana, que é a Cienciometria, ou seja, todos os enfoques que me ajudem a entender

como se dá a produção de conhecimento. É com isso que eu trabalho.

**CGT:** Na sua opinião, você acha que hoje existe algum tipo de discriminação das mulheres no âmbito interno da Ciência?

**Lea:** Eu acho que sim, mas se você pedir para eu dar evidências, é muito difícil. Acho que o peso daquilo que as mulheres falam é diferente do peso do que os homens falam. Acho que as pessoas numa plateia escutam com mais cuidado e com mais atenção o que fala um homem cientista eminente do que o que fala uma mulher. Eles vão dizer que não é verdade. Que todos da mesa são importantes, a exemplo de quando fala a Mayana<sup>40</sup> – a grande bióloga molecular – do que o Isaias Raw – do Butantã. Ela – Mayana – é a exceção que confirma a regra. Quantas Mayanas você tem para não sei quantos homens na Ciência? Então, é como a situação de racismo quando uma pessoa diz que não é racista porque tem até um amigo negro; ou que tem um amigo que é “super legal; é negro, mas é super limpo!” Então, é o tipo de observação que é carregada de valores. Acho que quando você está numa plateia, você escuta um homem de maneira diferente do que você escuta uma mulher. O que é mesmo que eu disse que me surpreendi comigo e fiquei cerca de dois dias de depressão? O que foi que me percebi discriminando? Não era gênero! Era algo pior ainda! Era eu que não estava dando valor para uma pessoa que estava falando e, aí, me dei conta que eu não estava escutando porque eu tinha preconceito. Não quero nem lembrar, porque fico deprimida de novo! A gente se assusta com a gente mesma. A gente se policia, porque não passamos impunemente pelos processos de socialização a que somos submetidas, seja em casa, seja na escola. Isso é algo que nos marca. No racional, quando e porque temos consciência, lutamos contra isso. Mas, quando você instintivamente se dá conta de que teve um sentimento que tem raízes lá atrás, e não conseguiu controlar, isso é sério.

Então, quais são os mecanismos internos de discriminação das mulheres na Ciência e como é que podemos mostrar que eles existem, eu não sei dizer. Acho que a maneira mais fácil de se perceber é com casais de cientistas. Isto é: quem é chamado, quem tem aumento, quem é prestigiado, quem geralmente é o primeiro autor. É engraçado. É uma discriminação em parte, concedida, e em parte a mulher não tem consciência. A gente tenta mudar isso com nossos filhos, mas não sei o quanto somos bem sucedidas.

## **EXPECTATIVAS PARA O FUTURO**

**CGT:** Fale sobre suas expectativas para o futuro.

**Lea:** Não tenho grandes expectativas de ficar muito tempo na Unicamp. Estou ficando um pouco apavorada, porque estou vendo que a minha geração, meus amigos e amigas na minha faixa etária (nasci em 1952; faço 56 anos em

---

<sup>40</sup> Mayana Katz é professora e geneticista da Universidade de São Paulo (USP), onde coordena o Centro de Estudos do Genoma Humano, sendo uma das maiores defensoras das pesquisas com células-tronco.

fevereiro/2008), um pouco na faixa de 55 a 60 e pouco, e que são meus amigos principais, estão caindo um atrás do outro: um tem câncer; o outro tem uma doença auto-imune, outro está com problemas na pressão, etc. Ninguém está bem. Então, quero aproveitar minha vida agora, porque por enquanto estou bem! Que não tenho nada! Eles dizem que sou a mascotinha do grupo de amigos, porque sou a mais nova. Completo tempo para me aposentar em dezembro de 2007. Em 2006 fiz concurso para professora titular. Tenho mais algum tempo de trabalho, portanto, para me aposentar como professora titular.

Agora quero escrever. E não tenho tido tempo para escrever. Tenho escrito pouco e quero escrever mais. É só o que quero. Não tenho grandes planos para o futuro no sentido de ter intenção de ser reitora. Aliás, funções administrativas nunca me interessaram.

E também quero me preparar para correr uma maratona. Eu corro, e bastante, amadoristicamente; faço um percurso de 15 km quatro vezes por semana em qualquer lugar: na esteira, no Parque Taquaral; fico escutando minhas músicas, desligo do mundo, não sei o que está acontecendo a minha volta, e corro. Sou corredora. É a **minha** hora. Tem uma praça em volta da minha casa onde dou trinta voltas; algumas pessoas me falam que passam, me cumprimentam, e nem as vejo, tão concentrada estou em minhas músicas. Não vejo a praça, não vejo ninguém. Faço isso pela corrida em si. É algo que amo fazer.

É meu sonho correr a maratona de Nova York. Para isso, você tem que ter tempo para correr, para se preparar, para seguir uma alimentação adequada. Ninguém na minha idade vai correr uma maratona se não tiver condições para esse preparo.

- o -

Verão de 2008. Revisão terminada em 21 de março de 2008, (já Outono!). Versão devolvida por Léa Velho e autorizada para publicação em 25/mar/2008 (entrevista) e 01/abr/2008 (preâmbulo).